



RELICI

OLNEY SÃO PAULO, UM BALANÇO DA PRODUÇÃO CRÍTICA¹

OLNEY SÃO PAULO, AN ASSESSMENT OF CRITICAL PRODUCTION

Gustavo Tanus²

Antonia Cristina de Alencar Pires³

Filipe Schettini⁴

RESUMO

Caracterizada por uma forte intermedialidade em face de seu diálogo com outras artes e mídias, a obra cinematográfica de Olney São Paulo passou por certo esquecimento dos estudiosos do Cinema. Entretanto, nos últimos 20 anos foi (re)descoberta por pesquisadores/as de outras áreas do conhecimento. Assim, nos propusemos a realizar um levantamento dessas pesquisas, a fim de identificar onde foram realizadas, publicadas e quais os filmes que foram analisados por elas. Enquanto pesquisadores da obra olneyana e da intermedialidade, nosso propósito com este levantamento é pensar os caminhos que a pesquisa tem percorrido, além do potencial de estudos apontado por ela e as veredas que ainda podem ser abertas, tanto por nós, quanto por outros estudiosos.

Palavras-chave: Olney São Paulo, literatura e cinema, intermedialidade, estado da arte

ABSTRACT

Characterized by a strong intermediality in view of its dialogue with other arts and media, Olney São Paulo's cinematographic work has been somewhat forgotten by Cinema scholars. However, in the last 20 years it has been (re)discovered by researchers from other areas of knowledge. Therefore, we proposed to carry out a survey of these research, in order to identify where they were carried out, published and which films were analyzed by them. As researchers of Olney's work and

¹ Recebido em 08/06/2024. Aprovado em 16/06/2024. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.12647699

² Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. gustavotcs@gmail.com

³ Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. crisp563@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Minas Gerais. filipe.schettini@outlook.com



RELICI

intermediality, our purpose with this survey is to think about the paths that research has taken, in addition to the potential for studies highlighted by it and the paths that can still be opened, both by us and by other scholars.

Keywords: Olney São Paulo, literature and cinema, intermediality, state of art.

INTRODUÇÃO

Produzir arte e cultura no Brasil é tão difícil quanto produzir ensino e pesquisa. Constatamos isto quando nos dispusemos a estudar a obra do cineasta e escritor baiano Olney São Paulo, realizada entre 1956 e 1978, ano de sua morte. Chamou-nos atenção a excepcionalidade de tal obra, apesar das dificuldades financeiras enfrentadas pelo cineasta para realizar os filmes, sua tenacidade para superar as condições adversas, além das perseguições políticas sofridas por ele, conforme relatado por sua biógrafa, Ângela José, em *Olney São Paulo e a peleja do cinema sertanejo* (1999). Embora não seja desconhecida da crítica especializada e dos iniciados na arte cinematográfica, a obra em questão ainda não atingiu o grande público, como as de vários de seus contemporâneos, e essa foi uma das motivações para nos debruçarmos sobre a vida e o trabalho de Olney.

Como pesquisadores/pensadores da produção olneyana e da intermedialidade, buscamos elaborar reflexões no sentido de percebê-la como algo mais amplo, como um projeto artístico-cultural crítico e eticamente orientado, consistente, na medida em que possui articulação e continuidade.

Ademais, percebemos que o trabalho de Olney se deu a partir de um intenso trânsito/diálogo com outras artes e mídias. Olney, com seu cinema, relacionou a arte das imagens em movimento a outras artes: literatura, teatro, artes plásticas, operando com grande maestria a transposição de seus códigos semióticos para a linguagem cinematográfica. Isto sem falar na utilização da música como elemento da montagem fílmica e não apenas como trilha sonora. O cineasta relacionou, em sua obra, histórias,



RELICI

sabedorias, pessoas, o sertão baiano (região onde nasceu), o mundo, refletindo sobre os problemas que se arrastaram do passado até o presente, e os que aconteceriam, sendo percebidos, na iminência de acontecer. Além do livro de contos *A antevéspera* e *O canto do sol* (1ª ed. 1969; reeditado em 2016) e de crônicas e poemas publicados avulsos, a obra fílmica consiste em: Curtas-metragens: *Um crime na rua* (1955), em que fez roteiro, dirigiu e atuou; *O profeta de Feira de Santana* (1970, sobre o pintor Raimundo de Oliveira), com roteiro, montagem, direção e coprodução; *Cachoeira: documento da História* (1973), também com roteiro e direção; *Como nasce uma cidade* (1973), roteiro, direção e produção; *Teatro brasileiro I: origem e mudanças* (1975), roteiro e direção; *Teatro brasileiro II: novas tendências* (1975), roteiro e direção; *Sob o ditame do rude Almajesto: sinais de chuva* (1976), roteiro e direção; *A última feira livre* (1976) direção. Médias-metragens: *Manhã cinzenta* (1969), roteiro, direção e produção; *Pinto vem aí* (1976), roteiro e direção; *Dia de Erê* (1978), roteiro e direção. Longas-metragens: *Grito da terra* (1964), roteiro e direção; *O forte* (1974), roteiro e direção; *Ciganos do nordeste* (1976), roteiro, direção e produção; e *O Amuleto de Ogum* (1974).

Esta é a razão pela qual também temos buscado um caminho de pesquisa articulado com as relações entre as artes, para as quais pensamos segundo pressupostos teóricos do Comparatismo, e, de modo particular, com um de seus campos de estudo: o da Intermedialidade.

Nordesteados por uma perspectiva interdisciplinar, e pensando as artes em sua dimensão estética e política, fundamos, em 2017, um grupo de pesquisas para que pudéssemos orientar a reflexão sobre a obra do cineasta jacuipense, para conduzir nossas travessias. Travessias também realizadas por Olney, como viemos demonstrando em nossos artigos, e que também foram percebidas por outros estudiosos e pelo cineasta baiano Henrique Dantas, manifestas em seus



RELICI

documentários acerca de Olney; e, de certa maneira, apontada por toda a crítica olneyana.

Quanto a ela, faz-se necessário um primeiro balanço para localizar melhor sua extensão e profundidade nas análises sobre a obra do cineasta, visto tratar-se de uma crítica recente, pois por muitos anos o trabalho de Olney ficou esquecido pelos estudos de Cinema, sendo retomado nas duas últimas décadas por outras áreas, especialmente a da História e a dos Estudos literários. Isto se deve, acreditamos, a dois motivos: o viés político-social da produção olneyana e o forte diálogo de Olney com a Literatura, transpondo para a película romances, crônica, e um conto alegórico e fragmentado, de sua autoria, que viria a ser seu filme mais discutido e estudado, *Manhã cinzenta* (1969). Importante sublinhar que o referido conto, assim como os que compõem a coletânea onde ele foi publicado, possui um forte diálogo com a linguagem cinematográfica.

Assim, este texto é, ao mesmo tempo, uma síntese do trabalho que produzimos em nosso grupo de pesquisas e um exaustivo balanço do que foi produzido por outros pesquisadores, a fim de reunir a fortuna crítica de Olney para que futuros estudiosos possam entender o tempo e os lugares da crítica, orientar seus trabalhos, e prosseguir nas leituras.

SINAIS DE OLNEY: LEVANTAMENTO DA CRÍTICA SOBRE O CINEASTA

Para caminhar dentro de uma crítica da obra olneyana, seria necessário entendê-la no tempo e no espaço onde ela se estende. Para isso, pensamos na realização de um levantamento, com vistas a analisá-la de acordo com parâmetros que demonstrarão, como dissemos, o tempo e os lugares da crítica. Esse, diz respeito ao momento de realização dessa crítica, tentando observar sua movimentação, em termos de volume em relação à temática; já esses lugares dizem respeito tanto aos



RELICI

gêneros textuais, isto é, os tipos de trabalhos em que a obra foi interpretada; a instituição em que esses trabalhos foram acolhidos; a área de conhecimento em que eles são mobilizados; e em quais obras eles se debruçaram. Tal balanço servirá, acreditamos, para re-orientações da crítica, com relação aos filmes, às teorias críticas, às perspectivas, re-conhecendo sujeitos e pensamentos da tessitura olneyana, para fomentar, quem sabe, uma aproximação entre os sujeitos, numa comunidade crítica, um dos valores que a obra olneyana construiu.

O levantamento consistiu em busca nas bases de dados do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); do Google Scholar e no Yahoo Search, sob o descritor “Olney São Paulo”⁵, realizada em dezembro de 2023. Com isso, conseguimos levantar informações de trabalhos gerais em que o nome do cineasta foi citado, em um número de 179 itens revocados nessa pesquisa. Deste *corpus*, analisamos mais especificamente o gênero e o foco do trabalho, porque em muitos deles Olney é apenas citado, seja integrando um rol de cineastas, destacando-se sua qualidade, seja por menção rápida a um dos seus trabalhos, visto mormente sob os auspícios do *Manhã cinzenta*. Desses trabalhos, de modo geral: 13 são teses; 34 dissertações; 7 livros (entre eles, o livro *Berro de fogo e outras histórias*, de Cyro de Mattos, dedicado em memória de Olney São Paulo); 12 trabalhos monográficos de conclusão de curso (10 monografias e 2 TCCs⁶); 2 relatórios (um deles de dissertações defendidas, em 1999; e outro de apresentação do *Manhã cinzenta*, na Escola Audiovisual, em 1976); 2 prefácios (da revista *Archivos de la Filmoteca*, edição 2000; e do livro *Antropokaos: Mostra de Ficção*, 2021); 18 capítulos de livros; 61

⁵ A título de informação, lembramos que *websites* e *blogs* que publicaram matérias sobre Olney e sua obra não foram contabilizados, mas é inegável a importância dessas mídias na divulgação do trabalho do cineasta.

⁶ Houve diferença de nomenclatura, entre Monografia e Trabalhos de conclusão de curso (TCC), embora se tratem de documentos produzidos para obtenção de título de graduação.



RELICI

artigos publicados em revistas; e, por fim, 30 artigos publicados em Anais de congresso.

Em análise mais detida, isto é, observando aqueles em que o cineasta e sua obra são, de fato, o objeto de sua pesquisa, que é nosso foco aqui, são 88 trabalhos, contemplando 6 livros (sendo um desses uma publicação oriunda das palestras realizadas no 19º Festival do filme documentário e etnográfico, Fórum de Antropologia e Cinema, em que o cineasta foi homenageado; e o folheto *Dia do documentário: 7* de agosto, realizado pela Associação Brasileira de Documentaristas e Curtas-metragistas (ABD Nacional), que escolheu a data comemorativa do documentário no dia de nascimento de Olney), 2 teses, 6 dissertações⁷, 3 monografias, 34 artigos publicados em periódicos acadêmicos, 23 outros em anais de congresso, e 14 capítulos de livro.

Em linhas gerais, a maioria dos trabalhos foi publicada no Brasil, tendo havido algumas poucas ocorrências em países estrangeiros, como Portugal (4), França (2), Chile e Grécia (1, cada). Dos trabalhos produzidos no Brasil (aproximadamente 86% do total), 34,21% foram publicados na região Sudeste, e 48,68% na região Nordeste, sendo que, nesta, mais de 50% foram na cidade de Feira de Santana, vinculados à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Se esta informação é relevante, porque localiza um lugar da crítica olneyana na cidade baiana onde viveu o Cineasta, por movimentações, sobretudo, concretizadas por um projeto do qual o professor Claudio Cledson Novaes é o realizador, a relacionada às publicações no Sudeste tem

⁷ As dissertações, em mestrados iniciados em 2018, encontram-se em andamento, em vias de finalização, são: *Manhã Cinzenta: O Cinema engajado de Olney São Paulo durante a Ditadura Militar*, de Ana Paula Gonçalves Viana; e *Pelejas contra o esquecimento: as disputas pela história na filmografia de Olney São Paulo 1964-1978*, de Roberto Luis Bonfim dos Santos Filho; ambas vinculadas ao programa de pós-graduação em História, da UNEB, e não foram contabilizadas no total.



RELICI

que ser pensada de outra maneira, colocando, como critério, o fato do parque e cultura editorial estarem, ainda hoje, historicamente localizados no eixo Rio-São Paulo.

Considerando o fator área do conhecimento, os estudos se realizam em torno do Cinema, tendo bastante ocorrências nesse sentido, porém, sem um maior tratamento relacionado às teorias cinematográficas, focando, principalmente, aspectos de uma certa história do cinema, em suas falhas, lacunas, ausências, com relação a Olney e sua obra. Quanto aos lugares da crítica, é notável que as áreas do conhecimento em que os trabalhos estão vinculados não marcam uma precisão da perspectiva disciplinar frente a eles; restando, pois, uma análise do tipo de crítica empreendida. Vemos que uma grande maioria das dissertações estão abrigadas nos departamentos de Letras e Artes; dos artigos de anais apresentados em congressos de literatura e dos artigos científicos, publicados em periódicos das áreas das letras.

Em relação à área da História, em que há ocorrências das Humanidades, há várias ocorrências, sendo notáveis um artigo publicado em periódico especializado nesta área do conhecimento, e o fato de todas as monografias serem defendidas nesta área (melhor referidas mais abaixo, em análise relacionada à década de sua publicação). Há ocorrências também em periódicos interdisciplinares, por exemplo, o *Jornal da Jornada*, que abrigou o primeiro artigo de autoria de Ângela José sobre Olney, lamentando os dez anos da morte do cineasta; o jornal *Neon*, que publicou um pequeno texto de Iza Calbo, lamentando, também, a morte de Olney; a revista *Sitientibus*, da UEFS, que, fundada sob os auspícios das letras, é, hoje, periódico interdisciplinar. As menores ocorrências são, de fato, relacionadas à comunicação (7 trabalhos, sendo a maioria artigos; uma tese e uma dissertação); e às Artes (2), destas: o artigo “Henrique Dantas: cruzamentos poéticos no documentário contemporâneo” (2020), de Marise Berta de Souza, publicado na revista portuguesa de artes intitulada *Croma*, que, embora não seja exatamente sobre Olney, trabalha a



RELICI

filmografia do cineasta Dantas relacionada a Olney; e o artigo *Manhã cinzenta: sociologia e cinema* (2020), de Mauro Luiz Rovai, publicado na revista *Arte e Ensaios* (UFRJ).

Entre os anos de 1978 – ano da morte de Olney – até 1998, poucos registros foram feitos sobre o Cineasta. Citamos aqui a menção feita a ele e ao *Manhã cinzenta* por Glauber Rocha no livro *Revolução do Cinema Novo* (Rio de Janeiro: Alhambra/Embrafilme, 1981) e o texto de Olney São Paulo Jr., filho mais velho de Olney, “Fotograma velado” [1988], que serviu de base ao documentário de Ângela José *O cineasta sertanejo* (1988). Durante a década de 1990, mesmo depois de localizada nos arquivos da Cinemateca do MAM/RJ a única cópia de *Manhã cinzenta* que se salvou da destruição perpetrada pela ditadura civil-militar, não há textos publicados. Eles voltam a aparecer em 1999, com a biografia de Olney escrita por Ângela José, resultado de sua dissertação de Mestrado, a primeira sobre o cineasta jacuipense. O livro de Ângela é fonte de consulta obrigatória nas pesquisas sobre a vida e a filmografia de Olney. Nesse mesmo ano foi publicada mais uma dissertação e os dois primeiros artigos acadêmicos sobre o Cineasta, todos de autoria de Johny Guimarães da Silva, conforme lista de referências ao final deste texto, em que, por meio da análise do documentário *Sob o ditame do Rude Almajesto: sinais de chuva*, Silva pensou o encontro da crônica/poética sertaneja de Eurico Alves Boaventura, e a poética pela experiência/vivência no sertão como uma sinfonia, da qual Olney é o maestro.

Na primeira década dos anos 2000, localizamos a tese de Doutorado de Leonor Pinto, defendida em 2001, em Tolouse (França). Embora não seja somente sobre Olney, a autora dedica um capítulo ao Cineasta e às implicações de *Manhã cinzenta* com a censura ditatorial. Localizamos, ainda, três artigos, sendo dois deles também de Ângela José, e o já citado de Iza Calbo.



RELICI

Na década de 2010, em que a ditadura civil-militar de 1964 e suas atrocidades passaram finalmente a serem investigadas, por meio do trabalho da Comissão da Verdade, criada no Governo Dilma Rousseff (2011-2016), surge um grande número de estudos sobre o cineasta, inclusive, é nessa década que Henrique Dantas lança dois filmes que ousamos chamar de metadocumentários: *Ser tão cinzento* (2012) e *Sinais de cinza: a peleja de Olney contra o dragão da maldade* (2013). No mesmo período é instituído o dia 7 de agosto (data de nascimento de Olney) como o Dia do Documentário, que culminou numa publicação a qual já nos referimos acima. Essa década é iniciada pela publicação de três artigos, todos de autoria de Cláudio Cledson Novaes, que somará 19 textos, entre artigos, artigos de congresso, capítulos e um livro até o final dessa década. O professor está vinculado à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), instituição que lançará, por meio desse pesquisador e suas/seus orientandas/os um maior volume de estudos sobre o cineasta. Além do livro de Novaes, foi publicado em 2014, o livro *Um discreto olhar: seis cineastas baianos*, de José Marinho, recém falecido professor Emérito do Departamento de Cinema & Vídeo, do IACS – Instituto de Arte e Comunicação Social, da Universidade Federal Fluminense. Neste livro, foram conduzidas entrevistas com cineastas baianos, Guido Araújo, Luiz Paulino dos Santos, Agnaldo Azevedo (Siri), Tuna Espinheira, Geraldo Sarno e Olney São Paulo, na intenção de entendimento de seus projetos artísticos.

É também nessa década que foram defendidas as dissertações: *As representações dos ciganos no cinema: documentário brasileiro*, de Francielle Felipe Faria de Miranda (UFG, 2011), em que o filme *Ciganos do nordeste* é uma das obras analisadas; as dissertações *O cinema de Olney São Paulo: Grito da Terra* e o cinema nacional, de Dinameire Oliveira Carneiro Rios (UEFS, 2013), *Olney São Paulo: maldição e esplendor em Manhã cinzenta* (UEFS, 2013), de Maria David Santos, ambas orientadas pelo professor Claudio Novaes; em 2015, *A feira de Olney São*



RELICI

Paulo: imagens de “Como nasce uma cidade” (UEFS, 2015), de Hosana Caroline Brandão Bastos, da mesma instituição, porém, orientada pelo professor Luís Vitor Castro Júnior; e *Manhã Cinzenta* - Política da Linguagem na Literatura e no Cinema, de Valéria de Araújo Santos (UEFS, 2016), esta também orientada pelo professor Novaes. Vemos que destes trabalhos, o filme *Manhã cinzenta* é o mais analisado, porém, observamos uma das primeiras críticas acadêmicas sobre o *Como nasce uma cidade* e o *Grito da terra*.

As monografias começam a partir da segunda metade da década de 2010, sendo uma maioria em análise do *Manhã cinzenta* (*Cinema e ditadura militar no Brasil: Manhã cinzenta* de Olney São Paulo, de Ana Paula Gonçalves Viana, Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia, 2017; e *Manhã Cinzenta: Análise histórica sobre a representação da Ditadura Militar brasileira na obra de Olney São Paulo* (Universidade Federal de São Paulo, 2019), de Mayara Alves. Em análise desse filme somado ao *Grito da terra*, encontramos a monografia *Pelejas contra o esquecimento: os desenhos da história na filmografia de Olney São Paulo (1964-1969)*, de Roberto Luis Bonfim dos Santos Filho, defendida em 2017, transformada em livro intitulado *Os desenhos da História na filmografia de Olney São Paulo (1964-1969): Pelejas contra o esquecimento* (2017).

Após a referida primeira tese, de 2001, foi defendida, em 2016, a tese intitulada *Imagens que restam: a tomada, a busca dos arquivos, o documentário e a elaboração de memórias da ditadura militar brasileira*, de Patrícia Furtado Menezes Machado, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nela, como na de 2001, Olney ainda não foi o objeto central, porém, a pesquisadora citou o caso da perseguição e da tortura do cineasta em razão do *Manhã cinzenta*, apresentando alguns documentos relativos à prisão e à defesa, além de trabalhar as imagens desse filme, como “imagens subversivas”, contemplando uma subseção do trabalho. Sendo



RELICI

uma pesquisa que visou trabalhar as imagens produzidas no contexto da ditadura, e que, de alguma maneira, sobreviveram, além de pensar os sujeitos que as produziram, Olney não poderia ter sido esquecido. Já na década de 2020, os estudos sobre o cinema olneyano continuam a ser publicados, conforme atesta nosso levantamento (Cf. lista de referências), tendo maiores publicações como artigos, ainda com forte presença de *Manhã cinzenta*.

O levantamento da fortuna crítica de Olney revelou as travessias de sua obra por diversos caminhos do conhecimento, fazendo o Cinema dialogar com a História, a Literatura Comparada e a Sociologia. Vale notar que dos 14 filmes que compõem a filmografia olneyana, formada por curtas, médias e longas-metragens, por documentários e ficções, *Manhã cinzenta* é o mais estudado, contemplando 63,93% daqueles cujos filmes são objeto central. Seguido a este, aparecem os filmes *Grito da terra* (aprox. 21,3%) e *Sinais de chuva* (14,75%), e *Como nasce uma cidade*, com 2 trabalhos, a dissertação de Hosana Bastos (*A feira de Olney São Paulo: imagens de “Como nasce uma cidade”, 2015*); e o artigo apresentado em congresso “A representação da modernidade urbana na obra de Olney São Paulo” (2020), de Alisson Santana, sendo que este trabalho também estuda o filme *Um crime na rua*, que, além dessa aparição, resulta no artigo “Corpo-Cidade: uma análise do Filme ‘Um Crime Na Rua’, de Olney São Paulo” (2020), desse mesmo autor em coautoria de Luís Vitor Castro Júnior.

O filme *O forte* aparece na mesma publicação, do 19º Festival do filme documentário e etnográfico (2015), no capítulo homônimo, escrito por Alberto Silva e como foco da republicação de uma entrevista de Olney, em que ele tratou sobre esse longa de ficção. Já em relação ao filme *Pinto vem aí*, há dois trabalhos, ambos apresentados em congresso: em 2011, “Aspectos políticos em Olney São Paulo”, de Samara Medeiros de Oliveira, em coautoria de seu orientador Claudio Cledson



RELICI

Novaes; e em 2018, “A arte como reprodução de uma visão política por ‘Pinto vem aí’ de Olney São Paulo”, de autoria de Taciane Barbosa dos Reis Lima, também em coautoria de seu orientador Claudio Cledson Novaes. Os que aparecem apenas uma vez, são os filmes *Ciganos do Nordeste* e *Teatro brasileiro*; o primeiro, na acima referida dissertação, e o segundo, na reprodução de uma matéria de 29 de junho de 1975, publicada n’*O Globo*, sobre a apresentação da obra de Olney em sessões da Cinemateca do Museu de Arte Moderna e na Associação Brasileira de Documentaristas (ABD). Além da menção às obras anteriores e aos lançamentos daquele ano – os curtas *Teatro brasileiro: origem e mudança* (14’); e *Teatro brasileiro: novas tendências* (11’) – menciona-se também o filme *Memórias de um Fantoche*, produzido por Olney, com direção de seu filho Ilya Flaherty São Paulo, que à época tinha apenas 11 anos.

Por esses resultados, observamos que há, todavia, filmes que merecem a atenção e a análise em trabalhos críticos mais precisos e de maior extensão, tanto estes sobre o Teatro brasileiro, quanto os outros filmes, como os curtas *O profeta de Feira de Santana*, *Cachoeira: documento da História*, *A última feira livre*; o média *Dia de Erê* e o longa *O Forte*. Quanto à literatura de Olney, poucos estudos têm sido produzidos. Não nos referimos aos trabalhos que fazem apenas menção a essa produção, mas em relação aos que a pensam, como objeto de análise. Destes, destacamos, de 2011, o livro *Aspectos críticos da literatura e do cinema na obra de Olney São Paulo* (2011) e o artigo Reflexões sobre a escrita intersemiótica em “A antevéspera”, de Olney São Paulo, ambos de Cláudio Cledson Novaes; o capítulo de livro *Diálogos literatura e cinema: aspectos da contemporaneidade na obra de Olney São Paulo* (2013), ainda desse autor; e os artigos de anais de congresso: *Imagens do negro em o Abc do enforcado*, de Olney São Paulo (2011) e *Perfis nordestinos na obra literária e cinematográfica de Olney São Paulo* (2012), ambos de Juliana Silva e



RELICI

Cláudio Cledson Novaes; e o artigo Diálogos e engajamento em “O canto do sol”: reflexões sobre a literatura de Olney São Paulo, de autoria de Claudio Cledson Novaes e Mírian Sumica Carneiro Reis. Fazemos menção ao nosso artigo “Textualidades do contemporâneo...” (2018), em que o conto “Manhã cinzenta”, foi lido em relação ao filme, como fio das textualidades produzidas pelos trânsitos intersemióticos.

Nossos percursos em torno de OLNEY

Fechamos este balanço sobre a obra de Olney São Paulo apresentando nosso próprio percurso em torno da referida obra. Como pesquisadores com formação em Literatura e Cinema, em 2017, fundamos, de maneira autônoma, um grupo de pesquisas sobre as travessias entre Cinema, Literatura e outras áreas, possibilitadas pelas relações intersemióticas/intermídias. Nosso foco de estudos é observar como se dá esse trânsito e analisar a obra que resulta da interação entre artes/mídias de natureza distinta. O trabalho de Olney definiu o grupo e o início dos nossos encontros críticos, pela qualidade, pela consistência de um projeto artístico, que traz dimensões política e cultural, nos modos como entende os espaços e as relações humanas, como crítica as desigualdades, como realiza enlaces, tanto pelo conteúdo, que tem sido o ponto mais analisado pela crítica olneyana, quanto pela forma, que, analisada frente ao percurso temático, torna o projeto artístico de Olney bastante complexo e genial.

Esta é a nossa primeira avaliação com relação aos objetivos do grupo, e funcionará, também, como um balanço, uma checagem sobre temática e cursos do pensamento. Esta ideia de um balanço de grupo de pesquisa sobre Olney não é inédita, tendo havido, em 2010, algo nesse sentido, produzido pelos professores Claudio Cledson Novaes e Mírian Sumica Carneiro Reis, (esta que à época era orientanda do professor), e republicado em 2011. Eles realizaram uma análise da produção do cineasta face aos aspectos do projeto desenvolvido pelo Núcleo de



RELICI

Estudos em Literatura e Cinema (NELCI), da UEFS, em cuja perspectiva está a ideia de reconstituição da trajetória de Olney nos caminhos da história cultural brasileira contemporânea.

Desse modo, como um balanço efetivo dos percursos teórico-críticos, por vezes biobibliofilmográficos, como ocorre com todo trabalho com intelectual da cultura que foi negligenciado pela/na historiografia demanda, este nosso texto é o primeiro que visou a um diagnóstico de toda crítica realizada sobre o cineasta e sua obra, a qual buscamos apresentar, como se viu no tópico anterior, por suas distensões e extensões, e colocada em seus resultados referenciais.

Dito isto, faremos a partir daqui uma breve lembrança dos trabalhos do nosso grupo. Em 2017, escrevemos o nosso primeiro texto, intitulado “Manhã cinzenta, estilhaços em sequência: considerações sobre a manhã que não acabou”, publicado na *Travessias: Pesquisas em Educação, Cultura, Linguagem e Artes*, revista vinculada à Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Apesar de ser uma publicação na área de Letras, sabemos que ela tem cada vez mais se aproximado do cinema, tanto pela ponta da educação e formação de professores, para utilizarem o cinema como material de ensino e letamentos, quanto pela dos estudos comparativos, que se fia em estudar as relações, mormente entre o texto literário e o cinema.

No referido artigo, realizamos uma leitura de *Manhã cinzenta*, pensada pela metáfora dos “estilhaços”, bem como os conceitos de “contradiscorso”, de Marc Ferro (1992) e “drama experimental inovador”, de Robert Rosenstone (2010), dois historiadores que têm no Cinema o objeto de seus trabalhos. Interessante informar que para explorar os “estilhaços”, o artigo descreve grande parte das cenas do filme, como mais uma estratégia de presença.



RELICI

No ano seguinte, elaboramos o texto “Por dentro do caleidoscópio: história e memória político-cultural em Manhã cinzenta, de Olney São Paulo”, que foi a primeira publicação em revista internacional, na *Veredas*, vinculada à Associação Internacional de Lusitanistas. O artigo discute *Manhã cinzenta* em duas direções: a de sua dimensão enquanto memória do contexto político e cultural em que ele foi produzido, e na perspectiva do “filme caleidoscópio”, metáfora com a qual Glauber Rocha (1981) adjetivou o média-metragem de Olney.

Dando continuidade ao nosso caminho crítico sobre a poética olneyana, escrevemos, ainda em 2018, o artigo “Tessitura intermídia: cinema e música em *Manhã cinzenta*, de Olney São Paulo”, que foi publicado na *Relacult: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, vinculada ao Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura, domiciliado em Foz do Iguaçu. Esta revista possui um caminho crítico que relaciona os estudos de cultura e sociedade latino-americanas, numa perspectiva das linguagens e das artes, perspectiva contributiva para o entendimento poético-político da obra de Olney. No referido artigo, trabalhamos diretamente com a intermedialidade, observando o papel da música como elemento da montagem cinematográfica, responsável pela constituição da tessitura intermídia apontada no título.

Também nesse ano escrevemos o artigo “Textualidades do contemporâneo em *Manhã cinzenta*, de Olney São Paulo e *Ser tão cinzento*, de Henrique Dantas”, que foi publicado no primeiro número da revista chilena *Amoxtli: Historia de la edición y de la lectura*, da Universidad Finis Terrae. Levar a obra de Olney até esse local, ainda que por nosso olhar, conjugou-se à concepção olneyana de um necessário irmanamento do continente latino-americano, observável inclusive na escolha das músicas para seus filmes; como é o caso da “Misa criolla”, do músico argentino Ariel Ramirez, em *Manhã cinzenta*.



RELICI

O texto analisa três obras: o filme *Manhã cinzenta*, o conto homônimo que lhe deu origem e o documentário de Henrique Dantas (2011), observando o jogo entre literatura e cinema à luz de suas conexões intermédias e do conceito de “contemporâneo”, criado por Agamben (2009), o qual se adequa à poética dos dois cineastas, na medida em que elas desnudam as tramas autoritárias do Poder e tecem enlaces capazes de ler/interpretar a História.

Em 2019, apresentamos uma comunicação no II Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem (Colóquio Intermédias), na Universidade Federal de Minas Gerais. Essa comunicação foi aprofundada e transformada no artigo “As relações intermédias: tessituras entre cinema, música e outras mídias em *Manhã cinzenta*, de Olney São Paulo”, publicado em 2020, na *Rebeca: Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual*. Esse foi o primeiro texto de nosso grupo de pesquisas publicado em um periódico especializado em cinema.

Ele reitera nossa incursão no campo de estudos da Intermidialidade, cujas teorias sustentam a análise das artes/mídias envolvidas em *Manhã cinzenta*: a literatura, o teatro, fotografias, cartazes e manchetes de jornais que aparecem nas cenas, sonoras radiofônicas e sobretudo o estudo da função de cada música utilizada na trilha/montagem de *Manhã cinzenta*. Observamos que o narrador do conto “*Manhã cinzenta*” foi substituído pelas cinco músicas que fazem parte do curta-metragem. Sobre este ponto, vale registrar que nosso artigo é o primeiro a apontar o nome da canção rock and roll utilizada no filme, bem como o nome da banda que a executa. Por meio de uma pesquisa exaustiva de imagens de bandas dos anos 1960, conseguimos obter esse dado, que não constava nos créditos do curta-metragem, talvez por conta dos cortes feitos pela censura da ditadura civil-militar.

Publicamos, também em 2020, o artigo “A liberdade como desejo, a arte como resistência: autoritarismo e revolta em *Manhã cinzenta*, de Olney São Paulo e



RELICI

Contestação, de João Silvério Trevisan”, na revista *Cadernos Benjaminianos*, vinculada ao Núcleo Walter Benjamin, sediado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Observando *Manhã cinzenta* e *Contestação* como filmes políticos, que reafirmam a arte como resistência frente ao autoritarismo, buscamos analisá-los à luz das teses “Sobre o conceito de História”, de Walter Benjamin (1985). Isto porque ambos discutem, por meio de suas imagens, revoltas e revoluções do século XX, utilizando uma outra lógica temporal, tal como a proposta por Benjamin, com vistas a demonstrar como há uma repetição da história dentro de uma tradição das relações de opressão.

Nosso mais recente texto, intitulado “Picture-Skin, Music-Muscle: The Intersemiotic/Intermedia Body of Olney São Paulo’s *Manhã Cinzenta*”, atravessou o oceano, para ser publicado, em 2022, na revista grega *Athens Journal of Humanities & Arts*, vinculada ao Athens Institute for Education & Research. Neste, demos continuidade à relação da música com a imagem na obra de Olney, observando mais detidamente os conceitos de “músculo-música” e “epiderme-filme”, desenvolvidos por Wingstedt (2005), na constituição do corpo fílmico.

Fundamental destacar que em todos os artigos que foram produzidos por nosso grupo de estudos está discutida a questão técnica que envolve *Manhã cinzenta*. Ao apontá-la, também apontamos o dialogismo de Olney com importantes movimentos e cineastas da História do Cinema. Um dos itens técnicos que mais discutimos é a “montagem”, de evidente inspiração e aproximação ao Formalismo russo, em particular a Sergei Eisenstein, mas não deixamos também de salientar itens como planos, enquadramentos e iluminação, que aproximam o cineasta sertanejo a Luchino Visconti e Roberto Rossellini, expoentes do Neorealismo italiano e ao cineasta estadunidense John Ford, além da filmagem com a câmera na mão, própria do movimento Cinema Novo, do qual Olney é um de seus grandes nomes. A análise



RELICI

dos aspectos técnicos do filme à luz de tais diálogos e aproximações nos permitiu alcançar e adentrar a rica polissemia de *Manhã cinzenta*.

Com relação ao nosso trabalho, a obra do cineasta nos permitiu, e, muitas vezes, nos convocou a pensar junto, de modo criativo poético-político, o que nos possibilitou, de certa maneira, elaborar alguma conceituação a partir da produção cinematográfica. Tais conceituações, longe de serem definitivas, sempre podem contribuir para ler outras tantas produções. A questão não passa por uma manobra burocrática, longe disso, é uma ginga, diante da riqueza da linguagem, da linguagem cinematográfica, e, às vezes de uma insuficiência das teorias (conservadoras?) do cinema.

Para ver e ler Olney, ademais dos conceitos das teorias já referidos acima, usamos outros que serviram como ferramentas, ou lentes, para entendimento e visibilização de pontos cruciais do pensamento e criação olneyanos. Pensamos por outros, como o “músculo-música” e a “epiderme-imagem”, de Wingstedt, que não é apenas uma lente para ver Olney, mas nos pareceu ter sido criado para pensar sobre a intermedialidade da obra olneyana com a Música, Ou a figura do caleidoscópio, criada por Glauber, usada não apenas do ponto de vista da montagem (como ele observou), mas do ponto de vista da multiplicidade de signos visuais e sonoros em *Manhã cinzenta*. Com isso, ou por isso, tomamos coragem para fazer, por nossos olhos, conceitos como “Estilhaços em sequência” para pensarmos a questão espaço/tempo (com o qual pudemos ler também o documentário de João Silvério Trevisan); “Textualidades do contemporâneo”, que contribui para refletir sobre o papel intelectual de um tipo de artista como Olney, quanto sobre a montagem como um elemento fílmico crucial, resultante de um complexo processo intermédias.



RELICI

BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR

Teses

MACHADO, Patrícia Furtado Mendes. *Imagens que restam: a tomada, a busca dos arquivos, o documentário e a elaboração de memórias da ditadura militar brasileira*. 232 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

PINTO, Leonor E. Souza. *La résistance du cinéma brésilien face à la censure imposée par le régime militaire au Brésil - 1964 / 1988*. 519 f. Tese (Doutorado) – Université de Toulouse-Le Mirail, Ecole Supérieure d'Audiovisuel, 2001.

Dissertações

BASTOS, Hosana Caroline Brandão. *A feira de Olney São Paulo: imagens de "Como nasce uma cidade"*. 110f. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade) – Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015.

MIRANDA, Francielle Felipe Faria de. *As representações dos ciganos no cinema: documentário brasileiro*. 2011. 140 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

RIOS, Dinameire Oliveira Carneiro. *O cinema de Olney São Paulo: Grito da Terra e o cinema nacional*. 103 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2013.

SANTOS, Maria David. *Olney São Paulo: maldição e esplendor em Manhã cinzenta*. 147 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2013.

SANTOS, Valéria de Araújo. *Manhã Cinzenta - Política da Linguagem na Literatura e no Cinema*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Feira de Santana, 2016.

SILVA, Johny Guimarães da. *Olney São Paulo: Maestro de uma sinfonia de linguagens no sertão*. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.



RELICI

Monografias

ALVES, Mayara. *Manhã Cinzenta: Análise histórica sobre a representação da Ditadura Militar brasileira na obra de Olney São Paulo*. 53 f. Monografia (Bacharelado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019.

SANTOS FILHO, Roberto Luis Bonfim dos. *Pelejas contra o esquecimento: os desenhos da história na filmografia de Olney São Paulo (1964-1969)*. Monografia (Bacharelado em História, Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Brasil, 2017.

VIANA, Ana Paula Gonçalves. *Cinema e ditadura militar no Brasil: Manhã cinzenta de Olney São Paulo*. TCC (Graduação) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2017.

Artigos

BRITO, Rosana Carvalho. De olho nos sinais de chuva: um passeio pelo sertão. *Fuxico*, Feira de Sananta, Bahia, n. 29, p. 11-13, abr./ago. 2014.

CALBO, Iza. A morte e a morte de Olney São Paulo. *Neon: arte, cultura e entretenimento*, Salvador, Bahia, Ano 4, n. 34, p. 3, 2002.

DE SOUZA, Marise Berta. “Henrique Dantas: poetic crossroads on modern documentary film/Henrique Dantas: cruzamentos poeticos no documentario contemporaneo.” *Croma*, Universidade de Lisboa, Portugal, n. 12, p. 152, July-Dec. 2018.

EDUARDO, Andre Gustavo de Paula; ABRAMOVICTZ, Felipe. Alegorias do Arbítrio o *Pedestre* (1966) em diálogo com *Manhã Cinzenta* (1969). *Novos Olhares*, São Paulo, USP, v. 9, n. 1, p. 230-244, jan.-jun. 2020.

FERRAZ, Joana D`Arc Fernandes. A memória do futuro nas múltiplas lentes do curta *Manhã Cinzenta*. *Lugar comum*, Rio de Janeiro, UFRJ, n. 61, p. 89-112, set. 2021.

FREITAS, Camila Albrecht. *Manhã Cinzenta* e o cinema libertário de Olney São Paulo. *Orson - Revista dos cursos de cinema da UFPel*, RS, n. 9, p. 197-207, dez. 2015.



RELICI

JOSÉ, Ângela. Cinema marginal, a estética do grotesco e a globalização da miséria. *Alceu*, PUCRio, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 155-163, jul./dez. 2007.

JOSÉ, Angela. Dez anos sem Olney. *Jornal da Jornada*, Salvador, Bahia, 1988.

JOSÉ, Angela. Olney e a amnésia cultural brasileira. *Neon: arte, cultura e entretenimento*, Salvador, Bahia, 2002. [republicado no livro da ABD, 2011]

NOVAES, Claudio Cledson. Jean Rouch, Pierre Perrault, Olney São Paulo: representações e discursos no documentário cinematográfico. *Interfaces Brasil/Canadá*, Revista Brasileira de Estudos Canadenses, UFPel, v. 11, n. 1, p. 217-233, 2011.

NOVAES, Cláudio Cledson. Jorge Amado e a política cultural brasileira: correspondência com um jovem cineasta. *Amerika* [En ligne], Universidade de Rennes 2, França, v. 10, p. 1-9, 2014.

NOVAES, Claudio Cledson. Olney, Leitor de Jorge Amado. *Sitientibus*, Feira de Santana, UFS, v. 1, n. 42, p. 59-71, 2010.

NOVAES, Claudio Cledson. Reflexões sobre a escrita intersemiótica em “A antevéspera”, de Olney São Paulo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, UnB, n. 37, p. 47-59, 2011.

NOVAES, Claudio Cledson; REIS, Mírian Sumica Carneiro. Diálogos e engajamento em “O canto do sol”: reflexões sobre a literatura de Olney São Paulo. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 28, dez. 2010.

NOVAES, Claudio Cledson; REIS, Mírian Sumica Carneiro. Olney São Paulo: breves aspectos da pesquisa sobre o percurso do cineasta. *A Cor das Letras*, UFS, Número temático: literatura e cinema, n. 11, p. 127-142, 2010.

NOVAES, Cláudio Cledson; REIS, Mírian Sumica. Olney São Paulo: pesquisa sobre um cineasta. *Revista Cine Cachoeira*, Bahia, UFRB, Ano I, n. 2, 2011. [republicação do artigo da A Cor das Letras, 2010].

PEREIRA, Mauricio Matos dos Santos. Saque e assassinato: a violência contra a mulher no filme Grito da terra. *Revista Léguas & Meia*, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, v. 9, n. 1, p. 36–53, 2018.



RELICI

PIRES, Antonia Cristina de Alencar; SCHETTINI, Filipe; TANUS, Gustavo. *Manhã cinzenta*, estilhaços em sequência: considerações sobre a manhã que não acabou. *Travessias*, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná, v. 11, p. 137-157, 2017.

PIRES, Antonia Cristina de Alencar; TANUS, Gustavo; SCHETTINI, Filipe. Textualidades do contemporâneo em *Manhã cinzenta*, de Olney São Paulo e 'Ser tão cinzento', de Henrique Dantas. *Amoxtli*, Universidad Finis Terrae, Chile, v. 1, p. 63-81, 2018.

PIRES, Antonia Cristina de Alencar; TANUS, Gustavo; SCHETTINI, Filipe. Tessitura intermídia: cinema e música em *Manhã cinzenta*, de Olney São Paulo. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura, Foz do Iguaçu, Paraná, v. 4, p. 1-15, 2018.

PIRES, Antonia Cristina de Alencar; TANUS, Gustavo; SCHETTINI, Filipe. Por dentro do caleidoscópio: história e memória político-cultural em *Manhã cinzenta*, de Olney São Paulo. *Veredas*. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, Universidade de Coimbra, Portugal, v. 1, p. 104-122, 2018.

PIRES, Antonia Cristina de Alencar; TANUS, GUSTAVO; SCHETTINI, Filipe. A liberdade como desejo, a arte como resistência: autoritarismo e revolta em *Manhã cinzenta*, de Olney São Paulo e *Contestação*, de João Silvério Trevisan. *Cadernos Benjaminianos*, UFMG, v. 15, p. 161-182, 2020.

PIRES, Antonia Cristina de Alencar; SOUZA, Gustavo Tanus Cesário de; SCHETTINI, Filipe. As relações intermédias: tessituras entre cinema, música e outras mídias em *Manhã cinzenta*, de Olney São Paulo. *Rebeca*, Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, USP, v. 8, p. 254-268, 2020.

PIRES, Antonia Cristina; TANUS, Gustavo, SCHETTINI, Filipe. Picture-Skin, Music-Muscle: The Intersemiotic/Intermedia Body of Olney São Paulo's *Manhã Cinzenta*. *Athens: Journal of Humanities & Arts*, Greece, v. 9, p. 1-14, 2022.

REGO, Francisco Gabriel. Voz e oralidade no curta-metragem de Olney São Paulo. *Rua*: revista universitária do audiovisual, n. 9, p. 106-111, 2018.



RELICI

REIS, Mírian Sumica Carneiro. O Cérebro eletrônico nunca se esquece: memórias do estado de exceção em *Manhã Cinzenta*. *Revista Léguas & meia*, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, v. 9, n. 1, 2018.

RIOS, Dinameire Oliveira Carneiro. A estética da antropofagia: Devoração, crítica e cinema em Oswald de Andrade, Glauber Rocha e Olney São Paulo. *Memento*, Unincor, Três Corações, MG, v. 3, n. 1, p. 208-217, 2012.

RIOS, Dinameire Oliveira Carneiro. Olney São Paulo e a produção cinematográfica brasileira nas décadas de 1950/1960. *Web Revista Linguagem, Educação e Memória*, UEMS, Mato Grosso do Sul, v. 4, n. 4, 2013.

RIOS, Dinameire Oliveira Carneiro. Olney São Paulo e a produção nacional-popular em 1950/1960. *Revista Letrando*, Paripiranga, Bahia, v. 2, p. 33-44, jul./dez. 2012.

ROSSI, Túlio. O povo enquanto categoria fílmica: análise sociológica de *Terra em Transe* (1967) e *Manhã Cinzenta* (1969). *Estudos de Sociologia*, UNESP, Araraquara, v. 26, n. 51, 2021.

ROVAI, Mauro Luiz. *Manhã cinzenta: sociologia e cinema. Arte e Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, vol. 26, n. 40, p. 347-359, jul./dez. 2020.

SANTANA, Alisson Oliveira Soares de; CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor. Corpo-Cidade: uma análise do Filme "Um Crime Na Rua", de Olney São Paulo. *Em tempo de histórias: revista do corpo discente do Programa de Pós-Graduação em História da UnB*, n. 37, p. 339-353, jul./dez. 2020.

SILVA, Johny Guimarães da. Olney São Paulo: maestro de uma sinfonia sertaneja. *Revista Usina*, Feira de Santana, v. 6, 1999.

SILVA, Johny Guimarães da. Olney São Paulo: maestro de uma sinfonia de linguagens do Sertão. *Contraponto*, Salvador, v. 2, 1999.

Livros

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DOCUMENTARISTAS E CURTA-METRAGISTAS. *Dia do documentário: 7 de agosto de 2011*. [s.n]: [s.l]: ABD Nacional, 2011.



RELICI

134

19º FESTIVAL do filme documentário e etnográfico. Fórum de antropologia e cinema, realizado pela Associação Filmes de Quintal. Belo Horizonte, MG, 2015.

JOSÉ, Angela. *Olney São Paulo e a peleja do cinema sertanejo*. Rio de Janeiro: Quartet: Pulsar, 1999. 208p.

MARINHO, José. *Um discreto olhar: seis cineastas baianos (1950-1980)*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

NOVAES, Cláudio Cledson. *Aspectos críticos da literatura e do cinema na obra de Olney São Paulo*. Salvador, BA: Quarteto, 2011. 202 p.

SANTOS FILHO, Roberto Luis Bonfim dos. *Os desenhos da História na filmografia de Olney São Paulo (1964-1969): Pelejas contra o esquecimento*. [s.n]: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

Capítulos de livros

A MOÇA e o muro. [Diário de Notícias, 15/08/1968]. *In*: 19º FESTIVAL do filme documentário e etnográfico. Fórum de antropologia e cinema, realizado pela Associação Filmes de Quintal. Belo Horizonte, MG, 2015. p. 81-86.

AZEREDO, Ely. Um nôvo do cinema baiano. *In*: 19º FESTIVAL do filme documentário e etnográfico. Fórum de antropologia e cinema, realizado pela Associação Filmes de Quintal. Belo Horizonte, MG, 2015. p. 77-78.

CURTOS de Olney São Paulo falam do teatro brasileiro. *In*: 19º FESTIVAL do filme documentário e etnográfico. Fórum de antropologia e cinema, realizado pela Associação Filmes de Quintal. Belo Horizonte, MG, 2015. p. 91-92.

ENTREVISTA com Olney São Paulo. *In*: 19º FESTIVAL do filme documentário e etnográfico. Fórum de antropologia e cinema, realizado pela Associação Filmes de Quintal. Belo Horizonte, MG, 2015. p. 93-96.

JOSÉ, Angela. Olney e a amnésia cultural brasileira. *In*: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DOCUMENTARISTAS E CURTA-METRAGISTAS. *Dia do documentário: 7 de agosto de 2011*. [s.n]: [s.l]: ABD Nacional, 2011. p. 12-13.



RELICI

135

MACHADO, Irene. Relações dialógicas no filme *Manhã Cinzenta* (1969) de Olney São Paulo. In: ARAUJO, Denize Correa; MORETTIN, Eduardo Vitorio; REIA-BAPTISTA, Vitor (Ed.). *Ditaduras revisitadas: cartografias, memórias e representações audiovisuais*. [Faro: CIAC], 2016. p. 667-687. Disponível em: https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/8962/4/Livro_Ditaduras%20revisitadas-3.pdf.

MACHADO, Patrícia. *Imagens subversivas*. In: 19º FESTIVAL do filme documentário e etnográfico. Fórum de antropologia e cinema, realizado pela Associação Filmes de Quintal. Belo Horizonte, MG, 2015. p. 97-108.

NOVAES, Cláudio Cledson. Diálogos literatura e cinema: aspectos da contemporaneidade na obra de Olney São Paulo. In: OLIVEIRA, Marinyze Prates de; RAMOS, Elizabeth (Org.). *Desleitura cinematográfica: literatura, cinema e cultura*. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 43-66.

NOVAES, Cláudio Cledson. Perspectivas da violência da obra de Olney São Paulo. In: NOVAES, Cláudio Cledson; SOUZA, Licia Soares de; SEIDEL, Roberto Henrique (Org.). *Figuras da violência moderna: confluências Brasil/Canadá*. Feira de Santana: NEC; UEFS Editora, 2010. p. 51-58.

REGO, Francisco Gabriel; FELIX, José Carlos. A oralidade, o cinema e a literatura em Olney São Paulo. In: GOMES, Carlos Magno (Org.). *Crítica cultural e estudos literários*. São Cristóvão-SE: Editora UFS, 2016. p. 109-117.

SÃO PAULO JR., Olney. *Fotograma velado*. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DOCUMENTARISTAS E CURTA-METRAGISTAS. *Dia do documentário: 7 de agosto de 2011*. [s.n]: [s.l]: ABD Nacional, 2011. p. 13-14.

SENNA, Orlando. *Humanismo e poesia*. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DOCUMENTARISTAS E CURTA-METRAGISTAS. *Dia do documentário: 7 de agosto de 2011*. [s.n]: [s.l]: ABD Nacional, 2011. p. 11-12.

SILVA, Alberto. *O forte*. In: 19º FESTIVAL do filme documentário e etnográfico. Fórum de antropologia e cinema, realizado pela Associação Filmes de Quintal. Belo Horizonte, MG, 2015. p. 87-90.



RELICI

VIANY, Alex. O filme é O grito da terra. *In: 19º FESTIVAL do filme documentário e etnográfico. Fórum de antropologia e cinema, realizado pela Associação Filmes de Quintal. Belo Horizonte, MG, 2015. p. 79-80.*

Apresentações em congressos publicadas em anais

CARVALHO, Helber Souza. Os problemas sociais no Nordeste do Brasil sobre a perspectiva de Olney Alberto São Paulo no filme Grito da terra. *In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTIFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, SEMIC, 22., 2018. Anais [...]. Feira de Santana: UEFS, 2018. p. 1-3.*

LIMA, Taciane Barbosa dos Reis; NOVAES, Cláudio Cledson. A arte como reprodução de uma visão política por “Pinto vem aí” de Olney São Paulo. *In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTIFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, SEMIC, 22., 2018. Anais [...]. Feira de Santana: UEFS, 2018. p. 1-4.*

MACHADO, Irene. Exercícios especulativos audiovisuais na cinematografia política. *In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUANDOS EM ESTUDOS DISCURSIVOS DA USP, 8., 2017. Anais [...]. São Paulo: Paulistana, 2017. p. 229-245.*

MACHADO, Irene. Memória da cultura em espaços de relações dialógicas: o caso do cinema político. *In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25., 7 a 10 jun. 2016, Universidade Federal de Goiás. Anais [...]. Goiânia: Compós, 2016. p. 1-26.*

NOVAES, Cláudio C. Do trânsito estético ao transe político: tempo e espaço em simultaneidade e dilatação na narrativa de Manhã cinzenta. *In: Congresso Internacional da ABRALIC, 12., 2011. Anais [...]. Curitiba: UFPR, 2011.*

OLIVEIRA, Samara Medeiros de; NOVAES, Claudio Cledson. Aspectos políticos em Olney São Paulo. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL LITERATURA, CULTURA E SOCIEDADE, 1., 2011. Anais [...]. UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, 2011.*

OLIVEIRA, Samara Medeiros de; NOVAES, Claudio Cledson. Censura e política nos filmes de Olney São Paulo. *In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTIFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, SEMIC, 16., 2012. Anais [...]. Feira de Santana: UEFS, 2012. p. 554-556.*



RELICI

137

REGO, Francisco Gabriel. Oralidade e cinema: o ditame da voz, no documentário do cineasta Olney São Paulo. *In: SENALIC–TEXTOS COMPLETOS*, 6., 2015. *Anais [...]*. São Cristóvão: GELIC, UFS, Volume 06, 2015.

REIS, Natália. Dos olhares possíveis: a metaimagem como proposta de intervenção do real em *Manhã cinzenta* (1969) e *Blabláblá* (1968). *In: ENCONTRO ANUAL DA AIM*, 9., 2019. *Anais [...]*. Portugal: Associação de Investigadores da Imagem em Movimento, 2019. p. 29-37.

RIOS, Dinameire Oliveira Carneiro. A estética da antropofagia: Devoração, crítica e cinema em Oswald de Andrade, Glauber Rocha e Olney São Paulo. *In: SEMINÁRIO NACIONAL LITERATURA E CULTURA*, 4., 2012. *Anais [...]*. São Cristóvão/SE: GELIC, UFS, 2012. disponível em <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12806069/caderno-de-resumos-posgrap>

RIOS, Dinameire Oliveira Carneiro; NOVAES, Cláudio Cledson. O cinema de Olney São Paulo: uma análise de *Grito da terra* no contexto do Cinema Novo. *In: COLÓQUIO DO GRUPO DE ESTUDOS LITERÁRIOS CONTEMPORÂNEOS: UM COSMOPOLITISMO NOS TRÓPICOS e 100 ANOS DE AFRÂNIO COUTINHO (1911-2011): A CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL*, 3., 2012. *Anais [...]*. Feira de Santana: UEFS, 2012, p. 144-153.

SANTANA, Alisson Oliveira Soares de. A representação da modernidade urbana na obra de Olney São Paulo. *In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-PR*, 17., 2020. *Anais [...]*. Maringá: ST03: Circulação entre imagens e artes, UEM, 2020. p. 1-10.

SANTIAGO, Nayara Carneiro; NOVAES, Claudio Cledson. Cinema sertanejo em Olney São Paulo: *Grito da terra*. *In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, SEMIC*, 16., 2012. *Anais [...]*. Feira de Santana: UEFS, 2012. p. 514-517.

SANTOS FILHO, R. L. B. 'Sinais de Chuva': experiência na Bahia sertaneja de Olney São Paulo. *In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS DA HISTÓRIA*, 7., 2016, Cachoeira. *Anais [...]*. Cachoeira: UFRB, 2016. v. VII. p. 1345-1350.

SANTOS, Maria David. Por uma memória do cinema em "Paulo São Olney": metáfora de uma alegoria na historiografia cinematográfica brasileira em tempos de ditadura



RELICI

militar. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL LITERATURA, CULTURA E SOCIEDADE*, 1., 2011. *Anais [...]*. UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, 2011.

SANTOS, Maria David. Por uma ordem do (dis)curso em “Manhã cinzenta”: uma leitura dos depoimentos de Olney São Paulo. *In: SEMINÁRIO NACIONAL LITERATURA E CULTURA*, 4., 2012. *Anais [...]*. São Cristóvão/SE: GELIC, UFS, 2012. disponível em <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12806069/caderno-de-resumos-posgrap>

SANTOS, Valéria de Araújo; NOVAES, Claudio Cledson. A alienação da linguagem cotidiana e política em Manhã cinzenta de Olney São Paulo. *In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA*, SEMIC, 16., 2012. *Anais [...]*. Feira de Santana: UEFS, 2012. p. 489-491.

SANTOS, Valéria de Araújo; NOVAES, Claudio Cledson. Metáfora e linguagem: alegoria do poder em Manhã cinzenta de Olney São Paulo. *In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA*, SEMIC, 17., 2013. *Anais [...]*. Feira de Santana: UEFS, 2013.

SILVA, Ariane Felix da; SANTOS, Lucas Henrique Vieira Silva; SILVA, Raquel do Monte. Cinema e História: A historiografia da ditadura através dos filmes Manhã Cinzenta e Retratos de Identificação. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE*, 21., 2019. *Anais [...]*. São Luís-MA: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. p. 1-11.

SILVA, Juliana Cordeiro de Oliveira Silva; NOVAES, Claudio Cledson. Perfis nordestinos na obra literária e cinematográfica de Olney São Paulo. *In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA*, SEMIC, 16., 2012. *Anais [...]*. Feira de Santana: UEFS, 2012. p. 437-439.

SILVA, Juliana Cordeiro de Oliveira; NOVAES, Claudio Cledson. Imagens do negro em o Abc do enforcado, de Olney São Paulo. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL LITERATURA, CULTURA E SOCIEDADE*, 1., 2011. *Anais [...]*. UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, 2011.

VIANA, Ana Paula Gonçalves. Cinema e Ditadura brasileira: Manhã Cinzenta e o cinema engajado Olney São Paulo. *In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH*, 9., 2018, Santo Antônio de Jesus. *Anais [...]*. Muitas memórias, outras



RELICI

139

histórias?: cultura, política, ovimentos sociais e resistência à ditadura civil militar (1964-1985), Santo Antônio de Jesus, BA: 2018.

VIANA, Ana Paula Gonçalves. O cinema de resistência durante a Ditadura Militar: Manhã Cinzenta (1969), de Olney São Paulo. *In*: CICLO DE ESTUDOS HISTÓRICOS, 29., 2018. *Anais* [...]. Ilhéus, BA: Lembrai-vos de 68: É Proibido proibir, História e Cultura Audiovisual, 2018.